

CEDI

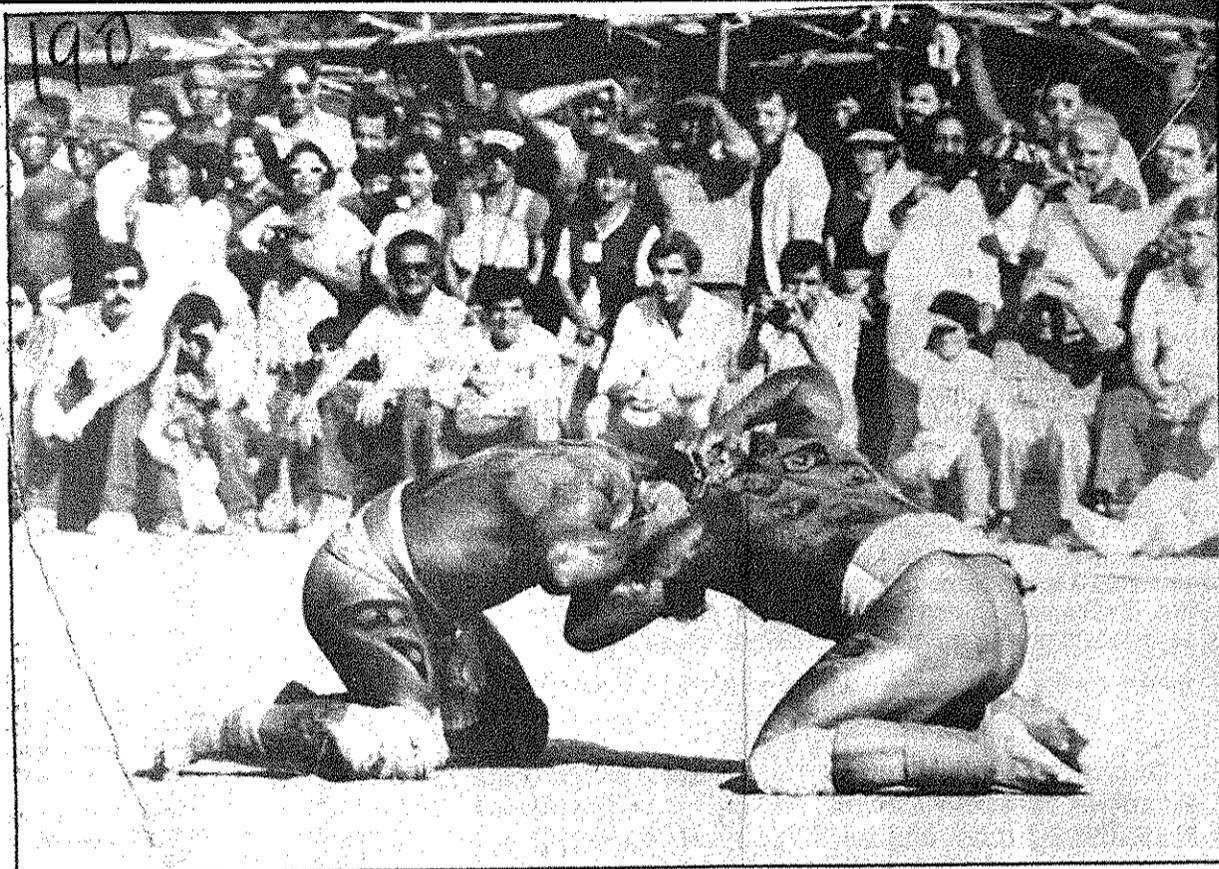
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: PIX-Quarup/Visitas

Data: 19/08/85

Pg.: 714



O Ministro Almir Pazzianotto fotografa os lutadores de "huka-huka". Sentado a seu lado está o Ministro Costa Couto

Índios levam ministros para a festa do Quarup no Alto Xingu

XINGU, Mato Grosso (Da enviada especial Coely Silva) — Pela primeira vez nos últimos vinte anos, a festa do Quarup, encerrada ontem no Parque Indígena do Xingu, deixou de ser uma simples demonstração do folclore indígena para se transformar num evento político-cultural de grande força. Os próprios líderes das nove aldeias remanescentes dos grupos lingüísticos aruak, caribé e tupi organizaram o evento e pessoalmente escolheram os convidados, entre os quais os Ministros da Cultura, Aluísio Pimenta; do Interior, Ronaldo Costa Couto, e do Trabalho, Almir Pazzianotto.

Este ano o Quarup — cerimônia em homenagem aos mortos e final do período de luto — incluiu conversas ao pé do ouvido entre os líderes indígenas e os Ministros. "Sarney toma conta de vocês, tenho que tomar conta do meu povo", disse o cacique Raoni, dos txucarramães, ao Ministro Aluísio Pimenta, protestando contra a matança dos índios e as invasões de suas terras. Raoni pediu que Pimenta interceda junto ao Presidente Sarney para que o receba em Brasília.

Além dos Ministros, os indígenas levaram para a aldeia Yaualapiti, a anfitriã da festa, o Porta-Voz do Presidente, Fernando César Mesquita, representantes de todos os Ministros e inimigos cordiais, como os sertanistas Orlando Villas-Boas e Olímpio Serra, além de 54 jornalistas brasileiros e 15 estrangeiros. O Quarup deste ano homenageou os jovens Maraucaçu Yaualapiti e Minhu-Utap Taulapiti, mortos por intoxicação durante a reclusão; a filha do cacique Aritana falecida aos dois meses de idade; e mais três antepassados

ilustres. Os seis troncos (Quarup) são fincados no centro da aldeia, local das sepulturas dos chefes e parentes dos líderes indígenas.

Além das denúncias, os caciques reivindicaram ao Ministro Ronaldo Costa Couto mais recursos para demarcação de terras indígenas. "Vocês têm que ser respeitados como brasileiros", rebateu Aluísio Pimenta. Orlando Villas-Boas, que há quarenta anos assiste ao Quarup, explicava a todos os significado da festa, pedindo o mais profundo respeito dos brancos pelos ritos indígenas. "É o único elo religioso do índio com o mundo mítico, mágico", disse o sertanista. O Deputado Mário Juruna participou pela primeira vez do Quarup e, em plena campanha política, confidenciou ao Cacique Raoni: "A política no Brasil está muito confusa; a gente é que tem que cuidar das áreas que já foram demarcadas."

A festa do Quarup começou no dia 5, com a saída de índios Yaualapiti para a pescaria coletiva durante nove dias. Em seguida, os mensageiros ("pariats") percorrem o parque para convidar as outras tribos para participar da cerimônia. Os festejos se iniciaram no dia 17, com a chegada dos convidados, que entram na aldeia ruidosamente. Além da aldeia anfitriã, participaram do Quarup os Camaiurás, Meheinaços, Uaurás, Matipus, Nafucuas, Calapalos, Auetis e Cuicuros.

Em comunicado distribuído à imprensa, o líder indígena Ianocula Rodarte, da tribo Camaiurá e Vice-Diretor do Parque Indígena do Xingu, disse que o Quarup deste ano se propôs a "criar um novo ciclo de relacionamento entre indígenas e o

Governo Federal, esperando sensibilizá-lo para problemas vitais da comunidade indígena".

— De posse da terra, acreditamos numa coexistência pacífica e harmoniosa com a sociedade, e podemos participar do desenvolvimento nacional, disse Ianocula Rodarte.

No final do comunicado, o Vice-Diretor do Parque dá cor política ao evento, dedicando o Quarup "a todos os povos indígenas do Brasil, principalmente as esquecidas tribos da Amazônia, os oprimidos pataxós, guaranis, caicangs, etc, e às tribos do Nordeste, em condições deploráveis e discriminadas pela miscigenação racial". Mais conscientes e politizadas, as tribos do parque mantêm intactos certos costumes. Mulheres e homens andam nus, com fios de algodão e carvão. No trato com os brancos, são amistosos e hospitaleiros. Aritana, Chefe yaualapiti e campeão do "huka-huka" (luta indígena), cedeu sua própria maloca para convidados (incluindo o Ministro Aluísio Pimenta) e jornalistas dormirem. Espertos e hábeis comerciantes, só no domingo provocaram uma inflação de 80 por cento nos preços dos objetos artesanais. Um colar de caramujo, por exemplo, amanheceu a Cr\$ 20 mil e terminou o dia a Cr\$ 100 mil.

Pela tradição, é respeitada a troca de objetos com os brancos, que no entanto não se preocuparam em levar mercadorias de interesse dos índios, como pilhas (para as lanternas e gravadores), sabão e redes. No Quarup, vale mesmo dinheiro vivo, os índios na esperança de um dia irem à cidade grande para comprar quinilhas.

Ritual é uma festiva homenagem aos mortos

O ritual do Quarup tem sua origem no mito da criação, representando uma homenagem póstuma realizada em forma de grande acontecimento festivo, porque é o fim do período de luto. Não tem data certa. Desde que existam mortos ilustres, acontece sempre no período de seca da região. Cada morto é representado por um tronco de árvore, denominado Quarup. Os troncos ficam escondidos no mato, longe da vista das mulheres e dos rapazes reclusos.

O Quarup dura dois dias e começa com os tocadores de flauta uruá percorrendo a

aldeia, chamando para a festa. Na noite do primeiro dia, os parentes dos mortos fazem uma ruidosa lamentação até a madrugada, no centro da aldeia onde estão as sepulturas e junto aos troncos de Quarup, pintados com tabatinga e tinta de genipapo, diante de fogueiras. Os pajés, munidos de bastões e maracas, cantam junto às sepulturas.

Na manhã seguinte, os lutadores do "huka-huk" pintam-se com fuligem e besuntam-se com óleo de piqui. Não dormem a noite toda, pois se sonharem per-

dem a luta, que só termina quando o lutador toca a coxa do rival. O vitorioso costuma dizer ao derrotado: "Não é que eu seja melhor que você; é você que não deve estar bem hoje". As adolescentes, reclusas por quase dois anos, deixam suas celas, desamarram os fios de algodão do tornozelo (que deixam suas pernas deformadas) e acompanham os tocadores de flauta uruá, ofertando castanhas de piqui aos líderes visitantes. Na tarde do segundo dia, os visitantes se retiram aos poucos e os postes do Quarup são jogados nos rios e lagoas.